

Fidelino de Figueiredo e o comparatismo peninsular: o piano de dois teclados

Carlos M. F. da Cunha
(Universidade do Minho)

Os intercâmbios literários peninsulares devem muito à amizade pessoal e cultural entretecida por alguns dos seus escritores. Um dos autores portugueses que mais se confrontou com este estado de coisas e procurou estabelecer o diálogo entre as culturas peninsulares foi Fidelino de Figueiredo (1889-1967), cujo longo exílio político lhe permitiu viver numa constante encruzilhada intercultural e cosmopolita, na procura das afinidades e assincronias do espaço literário peninsular e iberoamericano.

Apesar de se limitar à interacção entre a literatura castelhana e a portuguesa, Fidelino de Figueiredo é claramente um pioneiro, e até há pouco um exemplo raro, com a sua obra *Pyrene*, publicada em 1935, bem como através de um vasto conjunto de ensaios e artigos comparatistas. Interessam-nos as suas perplexidades perante as diferenças observadas (que resume na ideia da existência de uma permanente assincronia) e a procura incansável dos pontos de contacto existentes.

O seu exílio, por motivos políticos, em 1927, deu origem a uma notável carreira académica internacional na Espanha, México, Estados Unidos da América, e sobretudo no Brasil, onde leccionou de 1938 até 1951, tendo colaborado activamente em revistas internacionais e com inúmeras sociedades científicas.

No início do seu exílio, foi professor na Universidade Central de Madrid, até 1929, anos que aproveitou para se concentrar no estudo da história e da literatura castelhanas. Por outro lado, a sua colaboração, como redactor, no jornal madrilenho *El Debate*, desde 1924 até 1930, permitiu-lhe entrevistar alguns vultos salientes da literatura castellana do primeiro quartel do século, tendo recolhido os seus trabalhos em "Viagem Através da Espanha Literária" (1951: 155-240). Outro aspecto relevante foi a sua constante cooperação através da *Revista de História* (Lisboa, 1912-1928), que secretariou, com a *Revista de Filología Espanõla* dirigida por Menéndez Pidal, em Madrid.

Em resposta ao "Inquérito Literário" promovido pelo jornal *Diário de Notícias* (1921: 165-174), Fidelino de Figueiredo coloca a sua lição pessoal a favor do convívio intelectual luso-espanhol: "desde que comecei a estudar a cultura hespanhola e a

italiana, novas fronteiras se abriram ao meu espírito, e o trabalho feito anteriormente affigurou-se-me como mutilado, incompleto." (*id.*: 169). Salienta, assim, que é "urgente que entremos num periodo de curiosidade cosmopolita" (*id.*: 170). Deste modo, não nos surpreende que afirme o seguinte em *Pyrene*:

Só êste sentimento de cosmopolitismo me leva a compôr este ensaio de crítica comparativa, em que procuro abarcar numa visão panorâmica o mundo peninsular, porque para nós, portugueses, ele é, pela sua riqueza e variedade, meio caminho andado para o espírito europeu, sem deixar de ser um aprofundamento maior nas peculiaridades nacionais (1935: 13).

Considera mesmo que a vocação da literatura comparada consiste na afirmação de um cosmopolitismo militante, à semelhança de René Étiemble (1963), que via nela, mais do que uma disciplina, um modo de abertura política ao universalismo histórico, linguístico e intelectual: "E é-me grata, porque documenta e estimula a simpatia universal, nasce dum movimento aparente para a franqueza de espírito, amplia a receptividade estética e moral, e cria esperanças." (1935: 13).

Aliás, já em 1920 defendia que através do projecto goethiano da literatura mundial "a critica comparativa ganha fóros de especialidade e autonomia", buscando o "fundo commum" que existe "apesar da aparente diversidade das litteraturas nacionaes" (1920: 66-7). Refira-se, contudo, que este conceito de "literatura mundial", que tem dominado a agenda comparatista da última década (cf. v.g. Saussy, ed., 2006), traduz, como em Goethe (apesar da ambiguidade com que usou o termo), mais do que uma realidade, uma aspiração e atitude permanentes, que favorecem o intercâmbio e o entendimento recíprocos (cf. Wellek, 1989: 255; s/d: 56-7; Guillén, 1985: 54-7; Marino, 1988: 33-6, 64).

Com plena consciência da crise e das limitações da literatura comparada de matriz historicista, Fidelino de Figueiredo defendia, em *Pyrene*, um comparatismo diferente:

[Um comparatismo] no sentido filosófico do termo, enquanto fase da elaboração do conhecimento, para apurar semelhanças e diferenças essenciais, guardando sobretudo estas últimas, para chegar a um conceito mais rigoroso da originalidade de cada literatura e do espírito nacional de cada povo." (1935: 14).

Mas este segundo momento do trabalho comparativo "chega a ser político e activo, porque pode contribuir para chegar a definir um sistema de ideais condutores" (*id.*:15), que neste caso é a tese de *Pyrene*, isto é, "a unidade do génio peninsular, que literariamente se expressa em várias línguas, as quais se entre-influem e completam" (*id.*: 14).

Trata-se sobretudo de uma superação metodológica daquilo que designa como um primeiro momento do trabalho comparativo, que considera pertencer ao "âmbito da clássica literatura comparada", e que consiste em "Seguir as migrações de géneros, obras, tipos, ideias, atitudes, relações pessoais de autores, para explicar melhor o desenvolvimento de cada literatura e recompor quanto possível o aspecto do intercâmbio intelectual dos dois povos", que tem, afirma, "o grande risco de descaír na erudição anedótica" (*ibid.*). Não lhe interessando este percurso, fornece, porém, em apêndice, um conjunto de inventários bibliográficos e diversos temas, para os quais contribuiu com vários estudos, sugerindo a sua eventual utilização como programa "para algum seminário de investigações de literatura comparada hispano-portuguesa" (*id.*: 137).

Podemos situar os trabalhos de Fidelino de Figueiredo, no âmbito da sua análise comparativa da literatura portuguesa e castellana, de acordo com estes dois momentos comparatistas. Por um lado, e em relação ao primeiro momento, visa "reconstituir (...) a continuidade da influência mútua das duas literaturas" e confirmar a tese da "unidade do génio peninsular" (*id.*: 14), na sequência da concepção de Menéndez y Pelayo do "genio litterario hispanico" e da civilização ibérica (cf. 1921: 239), mediada pela visão historiográfica de Oliveira Martins, que a seu ver é "uma demonstração, a primeira que se produziu, de uma unidade típica e circunscrita à península hispânica" (1984: 13).

Mas a grande novidade de *Pyrene* em relação a outros estudos em que defendia ideias similares é que desta vez Fidelino pretende acentuar as diferenças originais, desagregar, para "apontar os fundamentos psicológicos para um verdadeiro conceito do espírito nacional" (1935: 14). Este sublinhar das diferenças não o conduz, porém, a abandonar a sua linha de investigação. Como nos diz o autor, é "apenas um novo esforço dialéctico por penetrar na essência e no mistério da vida portuguesa", desta vez olhando a esfinge de frente, acabando por concluir que a literatura portuguesa é "o espelho fiel do drama da nacionalidade, com uma fatal raiz ibérica e uma voluntária tendência desiberizante" (*id.*: 181).

Em primeiro lugar, resume as diferenças através da sua análise das *Características da Literatura Portuguesa* (1914) e do estudo de Ramón Menéndez Pidal sobre *Algunos caracteres primordiales de la literatura española* (1916), com base na análise dos géneros dominantes e da sua aceitação pública, na continuidade de temas e formas, para assim tentar "desenhar a fisionomia" e a "essência íntima duma imaginação nacional" (1935: 25).

Num segundo momento, elabora um "Recordatório histórico" dos dois países (*id.*: 44-73), para mostrar que tanto na literatura como na vida histórica de ambos há um "paralelismo assincrónico", que à força de se repetir constitui uma lei histórica que explica as diferenças e desencontros entre Portugal e Espanha (1930: 86; cf. 1935: 58-68), e que o autor metaforiza de forma curiosa em *As Duas Espanhas* : "A assincronia das histórias dos dois povos peninsulares recorda a operação de pneumo-torax: enquanto um pulmão descansa, outro respira mais fundo." (1932: 15). Não é pois por acaso que em 1943 edita em conjunto a terceira edição de *As Duas Espanhas* e a segunda edição de *Pyrene* sob o título *Espanha: uma filosofia da sua história e da sua literatura*.

Este paralelismo assincrónico que fragmenta a unidade do "génio peninsular" conduz Fidelino de Figueiredo a analisar o que designa os "contrastes essenciais" das duas literaturas (1935: 74-8), mas que apesar de tudo se integram numa unidade indiciada no título de *Pyrene* :

A literatura espanhola, a da massa continental, exprime fôrça e fôrça contínua; a literatura atlântica, a da periferia marítima ocidental, exprime lirismo (...) (*id.*: 43); a épica espanhola, originàriamente castelhana, é medieva, popular e continental; a épica portuguesa é renascentista, culta, oceânica, impregnada de lirismo e corre sempre no leito que lhe cavou o génio de Camões. O lirismo português é constitucional, originário; o lirismo espanhol é uma aquisição erudita, laboriosa e tardia; a fermentação nacional, que determina a epopeia, produz-se em Espanha no século XII e em Portugal produz-se no século XV-XVI. (*id.*: 135-6).

Depois, acrescenta a esta análise histórica comparada a perspectiva sincrónica do seu presente, tanto em termos geracionais como pessoais, extraíndo ilações culturais e políticas em direcção ao futuro. Ele relacionou-se de forma particular com a obra de Ménendez y Pelayo - que admirou e com quem partilhou a concepção da "unidade do

gênio literário ibérico" - e com Menéndez Pidal, mas enquanto escritor e ensaísta é muito estreita a sua ligação com a designada Geração de 98, particularmente em relação a Unamuno, e a um dos seus mentores, Angel Ganivet. Fidelino considerava, por sua vez, que esta geração tinha sido fecundada pela portuguesa Geração de 70, cujos ideais ele partilhava. No entanto, em estudo anterior, mostrara que também entre a Geração de 70 e a literatura castellana anterior à Geração de 98 se registara idêntico contraste: "no ultimo quartel do seculo XIX as tendencias cosmopolitas e criticas da litteratura portuguesa discordavam do castiço tradicionalismo das letras hespanholas, produzindo equívocos de juizos." (1930: 97). Mais uma vez comprovava a assincronia das duas literaturas, desta vez em perfeito quiasmo; Fidelino acaba por encontrar-se nesta encruzilhada de gerações, sentindo que a herança da sua geração passara para Espanha, ao mesmo tempo que em Portugal se regressava, por intermédio do Saudosismo e do Integralismo Lusitano, a um nacionalismo extremo e se acendiam sentimentos de hispanofobia, numa orientação divergente em relação ao cosmopolitismo da Geração de 70 (cf. 1921: 229-232), vendo-se assim num "exílio espiritual". Na "Introdução" à "Viagem Através da Espanha Literária", estabelece alguns contrastes comparativos entre as "duas épocas mais recentes das duas literaturas irmãs", isto é, desde 1989 até 1939 (1951: 157-163):

São épocas de sinal contrário ou tendência divergente. Espanha herdou os gérmenes espirituais lançados pela grande geração de Antero, Eça, Oliveira Martins, assimilou-os, fê-los frutificar e deu-nos por sua vez essa plêiade de descontentadiço ânimo cosmopolita, que levou à organização de um corpo de ideias condutoras e também à construção de uma ciência espanhola. (...)

Ao contrário, Portugal depois de 1900 refluíu para um nacionalismo limitado e conformado, que (...) chegou a uma anacrônica simpatia historicista e a um sofístico aprêço do século XVIII (...), assim compondo uma literatura de retôrno e autolatria (*id.*: 162).

Deste modo, "a assincronia política e espiritual dos dois povos" (*ibid.*) acaba por ser a sua, embora superada na imagem da sua amizade epistolar com Unamuno, mantida "Através da muralha de gelo que separa os mundos intelectuais dos dois países", devido "uma invencível afinidade electiva", apesar de nunca se terem encontrado, porque sofreram "desterros alternados, assincrônicos" (*id.*: 232). Curiosamente, como afirma, o

seu primeiro contacto com Unamuno "travou-se à volta de Menéndez y Pelayo." (*id.*: 233).

As variações em torno da unidade, paralelismo, assincronia e dos contrastes essenciais entre a história dos povos peninsulares, particularmente no âmbito da literatura, impelem Fidelino de Figueiredo a defender um novo ideário português, com novas "imagens-força", que "partindo dos alicerces comuns da civilização ibérica, erga construção diversa", com "o achado duma nova base económica e a formulação dum novo verbo literário" (1935: 69). Trata-se de um projecto iluminista, pois o seu estudo histórico e comparativo apresenta como lição - a *historia magistra vitae* ciceroniana - que a nossa história resultara sempre da vontade de alguns, e de certas gerações. Como tal, defende a criação de um quarto binómio político-económico na vida nacional, "ainda dentro da tendência desiberizante", que consistiria na "exaltação da vontade dalguns ao serviço dum sistema de ideias claras - claras e universais." (*id.*: 185). Mas, nas entrelinhas, não é difícil ler aqui um ideário que, assentando numa clara autonomia nacional, constituiria uma abertura cosmopolita, nomeadamente à cultura peninsular transcontinental, o que seria o retomar do projecto de Oliveira Martins, que ele considerou como o autor do "primeiro programma da politica ibero-americanista." (1930a: 186), e que noutra ocasião salientou (em artigo consagrado a José Enrique Rodó), como o idealizador de uma unidade cultural ibero-americana (1921: 101-32): "E quando daqui a alguns decennios mais se accentuar a existencia duma litteratura ibero-americana, norte e unidade moral dos povos de lingua portuguesa e castelhana, a critica terá ganho a sua mais vasta e gloriosa batalha." (*id.*: 106).

Como contributo para esse projecto, incluiu no seu programa de Literatura Portuguesa, que leccionava na Universidade de S. Paulo (Brasil), uma análise das relações da literatura portuguesa com a literatura castelhana e com a literatura brasileira, pela mediação de Almeida Garrett (cf. Amora, 1989: 17).

Se em *Pyrene* Fidelino de Figueiredo supera a fase do comparatismo clássico, não é menos verdade que a crítica filosófica que defende não ultrapassa a base nacional do comparatismo, apesar de deslocar a questão da identidade ou semelhança para a consciência da alteridade ou da diferença. Por outro lado, torna-se evidente que passa a valorizar a ideia de um "génio peninsular", que funciona como uma espécie de sùmula que abrange os "espíritos nacionais", o que não deixa de ser aporético, pois aquele acaba por anular as especificidades e as diferenças, embora Fidelino afirme, como

referimos acima, "a unidade do génio peninsular, que literariamente se expressa em várias línguas, as quais se entre-influem e completam" (1935: 14). O autor reconhece, de facto, a diversidade peninsular, mas imbuído de um certo hegelianismo inerente à história literária da época, aspira de modo sistemático à elaboração de uma síntese, à determinação de um *geist* unificador.

Num outro plano, porém, a obra de Fidelino de Figueiredo é inovadora e volta-se para a teoria da literatura, na qual tem uma actividade pioneira em termos peninsulares. As virtualidades teóricas do seu estudo estão patentes na sua abertura *avant la lettre* a uma estética da recepção, no âmbito da literatura comparada (cf. Chevrel, 1989), na medida em que distingue o estudo do fenómeno literário numa perspectiva estática, ou da produção, e numa perspectiva dinâmica, ou da recepção: a "expressão literária, vista à distância de séculos, é (...) um panorama estático de cristalizações, um conjunto de obras acabadas (...); a repercussão delas sobre a colectividade, o variar dos juízos públicos com seus caprichos e versatilidades é o seu único elemento activo"; o que torna possível, defende, a descrição objectiva dos géneros dominantes e da sua aceitação pública (1935: 25).

A perspectiva teórica do fenómeno literário é adoptada por Fidelino de Figueiredo sobretudo em *A Luta pela Expressão. Prolegómenos para uma Filosofia da Literatura*, obra publicada em 1944. Como salienta no "Epílogo", iniciou este percurso em 1941, com a "transformação completa do conceito de literatura e do conceito de crítica, para as ver de mais alto, como sublimações de traços elementares e constantes do espírito humano - o seu esforço de compreensão e a sua luta pela expressão", sendo esta obra um conjunto de prolegómenos para alguma futura filosofia da literatura (1944: 210), que se ocuparia dos problemas gerais da literatura, orientação que a seu ver se iniciara nos três primeiros congressos da Comissão Internacional de História Literária Moderna (1931, 1935 e 1939), e se consolidara na revista húngara *Helicon*, órgão oficial da Comissão, dirigida por Johann Hankiss (*id.*: 191-2; cf. 1951: 148-9), e a estes "prezados colegas" dedica a obra, "fazendo votos pelo restabelecimento" do anterior convívio e cooperação (1944: 10).

Após referir que foi no primeiro congresso que se reconheceu oficialmente a designação "filosofia da literatura" (*id.*: 191), anuncia o futuro surgimento de departamentos que se centrarão em questões teóricas e cujo principal objecto seria o estudo da "criteriologia" da literatura, à luz da epistemologia e mediante prova experimental:

E esta experimentação é ou deve ser tanto a prática especializada desses estudos quanto a ressonância das obras pelo tempo fora ou nos meios sucessivos formados pelos leitores (...) Cada obra tem seu crescimento próprio, só atinge a sua plenitude após uma longa carreira histórica. É nesta, representada pela colaboração emotiva e interpretativa do público leitor, que se desdobra todo o seu conteúdo de riqueza e possibilidades sugestivas; é nela que a obra se põe verdadeiramente à prova. As notas novas achadas pelo escritor têm de ser provadas pela tal caixa de ressonância. (1944: 153-4)

Nos termos da Estética da Recepção, as suas ideias são de uma flagrante pertinência, na medida em que defende que "qualquer proposta de critério de juízo [estético] deve considerar a cooperação do público, porque as obras literárias existem em função do autor ou criador e do público seu recriador" (*id.*: 98), isto é, "A obra literária nasce como afirmação de individualismo criador, mas só se completa com as reacções do meio" (*id.*: 200), pelo que "Só acabamos de ler a obra - se é possível a leitura integral de uma grande obra (...) - quando a soma da experiência de várias gerações é igual à massa de espontâneas intuições do génio do poeta." (*id.*: 178).

Nesse sentido, considera existirem três meios ou ambientes com que o artista tem de se entender:

A primeira forma é o 'meio' que educa ou define o autor: a família, a escola e a época. A segunda é o 'meio' criado pelo autor em sua obra. (...) E a terceira é o 'meio' que recebe a obra e lhe prolonga e desfigura os ecos; Os Lusíadas e o Quixote são bons exemplos desse crescimento das grandes obras (*id.*: 155-6).

De seguida aplica esta ideia de que "As obras têm um crescimento próprio, em acôrdo ou desacôrdo com o público leitor" (*id.*: 155) à recepção histórica do *D. Quixote*, a lembrar alguns estudos jaussianos (*id.*: 156-62), concluindo:

Todos nós, os que lemos e meditámos a novela imortal durante mais de três séculos, todos colaborámos na discriminação do seu conteúdo e na recriação dela. (...) E o primeiro a surpreender-se do que nós todos descobrimos na sua obra seria o próprio Cervantes (*id.*: 162).

Em "Rumos Novos da Ciência da Literatura", texto escrito em 1950, a viragem teórica de Fidelino de Figueiredo confirma-se ao considerar que a ciência da literatura só se salvará com a "adoção do espírito filosófico de busca do perpétuo e universal na expressão estética, pela pobre palavra, dos problemas da consciência humana - que não podemos resolver e não podemos desistir de enfrentar." (1951: 153). Neste estudo, Fidelino de Figueiredo resume o percurso associativo da literatura comparada desde o VI Congresso Internacional de Ciências Históricas, realizado em 1928, em Oslo, anunciando a convocação para 1951 do Congresso de Florença, sobre a literatura e as artes plásticas. Por fim, analisa o conceito goethiano de literatura mundial, e destaca a emergência do triunfo da tendência teórica sobre a historicista:

Esta rápida sùmula entremostra que se desenhava uma tendência para colocar, acima das curiosidades nacionais, exaustivas até ao fastio, na América verdadeiros inventários de tōda a produção em letra de fōrma, os 'problemas gerais', quero dizer todos os problemas que era necessário resolver ou mascarar com idéias provisórias para chegar à literatura universal. (*id.*: 149).

Desta forma, aproxima-se da defesa feita por René Wellek em 1958 a favor de uma reorientação da literatura comparada para a teoria da literatura e para a crítica e a história literárias, tendo em conta a obra em si mesma e a literariedade (s/d a: 253-4):

Uma vez que captemos a natureza da arte e da poesia, a sua vitória sobre a mortalidade e o destino humanos, a sua criação de um novo mundo da imaginação, as vaidades nacionais desaparecerão. Surge o homem, o homem universal, o homem de toda a parte e de qualquer tempo, em toda a sua variedade (*id.*: 255).

Segundo Wellek, a erudição literária torna-se um acto da imaginação "e assim preservará e criará os mais altos valores da humanidade." (*ibid.*). Em termos muito semelhantes se exprimia Fidelino de Figueiredo em 1950:

A escola de Ermatinger remoçou o estudo do fenómeno literário e levantou-o à maior altura - fenómeno tão inseparável da consciência humana, como o económico, se não como a respiração. Começa quando se nos revela o mundo interior e chega a sublimar-se nas grandes obras que há séculos meditamos, com o seu conteúdo sem fim

de emoções e idéias, de fórmulas e soluções de vida, de consolação e promessas à nossa miséria; A arte literária não é uma indústria técnica de entretenimentos solitários e de evasão da realidade, espécie de morfina intelectual; é a expressão estética ou emocional ou fingida (...) de formas de compreensão do homem e dos seus problemas perante si e perante o universo. (1951: 151).

Fidelino de Figueiredo intuíra, por via crociana, em 1944, que "há um núcleo de absoluto nos géneros literários, o qual provém da limitação dos caminhos de comunicação ou de expressão do artista que deseja ser entendido." (1944: 150). Por conseguinte, Fidelino defende que devemos pensar "nesta obrigada condição da arte literária: levar as suas contribuições para o património comum, sempre através do filtro de um espírito nacional." (*id.*: 197).

Mas, como previa, com a viragem filosófica da literatura, "Haverá contradita. E haverá um período confuso de adaptação. É como pedir a um pianista que, de um dia para o outro, passe a tocar num piano de dois teclados." (1951: 153). Esta é, aliás, a imagem que melhor define o seu percurso.

Bibliografía

- AMORA, António Soares. 1989. "Fidelino de Figueiredo e o Colóquio Luso-Brasileiro", *Colóquio/Letras* 112, 11-7.
- BRUNEL, Pierre e CHEVREL, Yves (ed.s). 1989, *Précis de Littérature Comparée*, Paris, Presses Universitaires de France.
- ÉTIEMBLE, René. 1963, *Comparaison n' est pas raison. La crise de la littérature comparée*, Paris, Gallimard.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1912. "A Critica Litteraria como Sciencia", *Revista de História* I (2), 74-100.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1916, *Historia da Critica Litteraria em Portugal da Renascença á Actualidade*, 2ª ed. Revista, Lisboa, Livraria Clássica Editora [1914].
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1918, *Estudos de Literatura (2ª série: 1917)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1920, *A Critica Litteraria como sciencia*, 3ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1921, *Estudos de Literatura (3ª série: 1918-1920)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1923, *Características da Litteratura portuguesa*, 3ª ed. Revista. Lisboa, Livraria Clássica Editora [1914].
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1924, *Estudos de Literatura (4ª série: 1921-1922)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1930, *Motivos de novo estylo*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1930a, *História d' Um "Vencido da Vida"*, Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1930b, *Crítica do Exílio*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1932, *As Duas Espantas*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1933, *Menoridade da Inteligencia*. Coimbra. Imprensa da Universidade.

- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1935, *Pyrene. Ponto de vista para uma Introdução à História Comparada das Literaturas Portuguesa e Espanhola*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1941, *Aristarchos*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria H. Antunes [1939].
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1944, *A Luta pela Expressão. Prolegómenos para uma Filosofia da Literatura*, Coimbra, Nobel.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1951, *Estudos de Literatura (5ª série: 1947-1950)*, São Paulo, Editora Clássico-Científica.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1984. "Prefácio" a Oliveira Martins. 1984, *História da Civilização Ibérica*, 11ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, pp. 9-19.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1987, *A Épica Portuguesa no Século XVI. Subsídios documentais para uma teoria geral da epopeia*, 7ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [1931, 1950, 1951, 1954, 1961].
- GUILLÉN, Claudio. 1985, *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*, Barcelona, Editorial Crítica.
- MARINO, Adrian. 1988, *Comparatisme et théorie de la littérature*, Paris, Presses Universitaires de France.
- SAUSSY, Haun (ed.). 2006, *Comparative Literature in an Age of Globalization*, Baltimore, The Johns Hopkins U. P.
- WELLEK, René. s/d a, "A Crise da Literatura Comparada", *Conceitos de Crítica*, São Paulo, Cultrix, pp. 244-55 [1958].
- WELLEK, René. 1989, *Historia de la Crítica Moderna (1750-1950). La Segunda Mitad del Siglo XVIII*, Madrid, Gredos [1959].
- WELLEK, René e WARREN, Austin. (s/d), *Teoria da Literatura*, 5ª ed., Lisboa, Publicações Europa-América [1948].